

ISSN: 2317-028X

GeoUECE



Ano 3: nº 4 - janeiro/junho 2014

Edição Semestral | volume 3 | edição nº 4 | 2014

**Programa de Pós-Graduação em Geografia
Universidade Estadual do Ceará**



ESTADO DO CEARÁ

GOVERNADOR: Cid Ferreira Gomes

VICE-GOVERNADOR: Domingos Gomes de Aguiar Filho

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ

REITOR: José Jackson Coelho Sampaio

VICE-REITOR: Hidelbrando dos Santos Soares

PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA: Jerffeson Teixeira de Souza

DIRETOR DA EDITORA DA UECE: Erasmo Miessa Ruiz

BIBLIOTECA CENTRAL: Ana Neri Barreto de Amorim

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

COORDENADORA: Maria Lúcia Brito Cruz

VICE-COORDENADOR: Otávio José Lemos Costa

GeoUECE

Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UECE

CONSELHO EDITORIAL:

Profa. Dra. Andrea Almeida Cavalcante, Universidade Estadual do Ceará - UECE

Profa. Dra. Denise Cristina Bomtempo, Universidade Estadual do Ceará - UECE

Prof. Dr. Luiz Cruz Lima, Universidade Estadual do Ceará – UECE (**Coordenador**)

Profa. Dra. Lúcia Maria Silveira Mendes, Universidade Estadual do Ceará - UECE

CONSELHO CIENTÍFICO:

Prof. Dr. Antonio Bento Gonçalves, Universidade do Minho - Portugal

Profa. Dra. Andrea Almeida Cavalcante, Universidade Estadual do Ceará - UECE

Profa. Dra. Adryane Gorayeb, Universidade Federal do Ceará - UFC

Prof. Dr. Antonio Vieira, Universidade do Minho - Portugal

Prof. Dr. Cleverson Alexsander Reolon, Unesp/Presidente Prudente

Profa. Dra. Denise Cristina Bomtempo, Universidade Estadual do Ceará - UECE

Profa. Dra. Denise de Souza Elias, Universidade Estadual do Ceará - UECE

Prof. Dr. Edilson Alves Pereira Júnior, Universidade Estadual do Ceará - UECE

Prof. Dr. Eliseu Savério Sposito, Universidade Estadual Paulista - UNESP

Prof. Dr. Fábio Perdigão Vasconcelos, Universidade Estadual do Ceará - UECE

Prof. Dr. Flávio Rodrigues do Nascimento, Universidade Federal Fluminense - UFF

Prof. Dr. Frederico de Holanda Bastos, Universidade Estadual do Ceará - UECE

Profa. Dra. Guiomar Inez Germani, Universidade Federal da Bahia - UFBA

Prof. Dr. Jones Dari Goettert, Universidade Federal da Grande Dourados -UFGD

Profa. Dra. Lidriana de Souza Pinheiro, Instituto de Ciências do Mar - UFC

Prof. Dr. Luiz Cruz Lima, Universidade Estadual do Ceará - UECE (Coordenador)

Prof. Dr. Luis Renato Bezerra Pequeno, Universidade Federal do Ceará - UFC

Prof. Dr. Marcos José Nogueira de Souza, Universidade Estadual do Ceará- UECE

Profa. Dra. Maria Elisa Zanella, Universidade Federal do Ceará - UFC

Profa. Dra. Maria Laura Silveira, Universidade de São Paulo - USP

Profa. Dra. Maria Lúcia Brito Cruz, Universidade Estadual do Ceará - UECE

Profa. Dra. María Mónica Arroyo, Universidade de São Paulo - USP

Prof. Dr. Oscar Alfredo Sobarzo Miño, Universidade Federal de Sergipe - UFS.

Prof. Dr. Oscar Buitrago Bermúdez, Universidad del Valle, Cali, Colômbia., Colômbia

Prof. Dr. Otávio José Lemos Costa, Universidade Estadual do Ceará - UECE

Prof. Dr. Rafael Straforini, Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

Prof. Dr. Ruy Moreira, Universidade Federal Fluminense - UFF

Profa. Dra. Sandra Lencioni, Universidade de São Paulo - USP

Profa. Dra. Zenilde Baima Amora, Universidade Estadual do Ceará - UECE

Profa. Dra. Zeny Rosendahl, Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

AVALIADORES DESSE NÚMERO:

Profa. Dra. Andrea Almeida Cavalcante FAFIDAM/UECE

Profa. Dra. Ana Claudia Ramos Sacramento UERJ-FFP

Profa. Dra. Antônia Neide Costa Santana – UVA
Prof. Dr. Antônio Carlos Pinheiro - UFPB
Prof. Dr. Antonio Vieira - UMINHO
Prof. Dr. Christian Dennys Monteiro Oliveira - UFC
Prof. Dr. Daniel Rodriguez de Carvalho Pinheiro - UECE/UNIFOR
Profa. Dra. Danielle Sequeira Garcez - LABOMAR/UFC
Profa. Dra. Denise Cristina Bomtempo - UECE
Prof. Dr. Edilson Alves Pereira Júnior - UECE
Prof. Dr. Edson Vicente da Silva - UFC
Prof. Dr. Eduardo Augusto Werneck Ribeiro - IFC
Profa. Dra. Eluziane Gonzaga Mendes - UFC
Profa. Dra. Érika Porceli Alaniz - UNOESTE
Profa. Dra. Flávia Akemi Ikuta - UFMGS
Prof. Dr. Frederico de Holanda Bastos - UECE
Profa. Dra. Iara Rafaela Gomes - UECE
Prof. Dr. Jânio Roberto Diniz dos Santos - UFS
Prof. Dr. João Márcio Palheta da Silva - IHGSP
Prof. Dr. José Aparecido Lima Dourado - UEA
Prof. Dr. Júlio Cesar Zandonadi - UNESP
Prof. Dr. Juscelino Eudamidas Bezerra - UECE
Prof. Dr. Leandro Bruno Santos - UNESP
Profa. Dra. Leda Correia Pedro - FACIP/UFU
Profa. Dra. Lidriana de Souza Pinheiro - LABOMAR/UFC
Profa. Dra. Lúcia Maria Silveira Mendes - UECE
Prof. Dr. Luiz Cruz Lima - UECE
Profa. Dra. Luzia Neide Menezes Teixeira Coriolano - UECE
Prof. Dr. Marcelino Andrade Gonçalves - UFMGS
Profa. Dra. Márcia da Silva - UEM
Prof. Dr. Marcio José Catelan - UNESP
Profa. Dra. Maria Lúcia Brito Cruz - UECE
Profa. Dra. Maria Terezinha Serafim Gomes - UNESP
Profa. Dra. Olga Firkowski - UFPR
Prof. Dr. Otávio Lemos Costa - UECE
Prof. Dr. Saint-Clair Cordeiro da Trindade Júnior - UFPA
Prof. Dr. Sérgio Gonçalves - UNESP
Profa. Dra. Sílvia Fernanda Cantóia - UFMG
Profa. Dra. Valéria Cristina Pereira da Silva - UFG
Profa. Dra. Virgínia Célia Cavalcante de Holanda - UVA/UECE
Profa. Dra. Zulimar Márta Ribeiro Rodrigues - UFMA

EDITOR GERENTE

Profa. Dra. Lúcia Maria Silveira Mendes (UECE)

DIAGRAMAÇÃO, PROJETO GRÁFICO E CAPA: Profa. Dra. Lúcia Maria S. Mendes (UECE)

Foto Capa: Área entre os municípios de Quixeré e Limoeiro do Norte/CE. Cortesia Dra. Marina Mendes.

GeoUECE, Revista do Programa de Pós-Graduação da UECE

Fortaleza/CE: Editora da UECE, 2014 (VOL.3.Nº4)

Publicação Semestral

ISSN: 2317-028X

<http://www.seer.uece.br/geouece>

GeoUECE



SUMÁRIO

EDITORIAL

EDIÇÃO NÚMERO 4 DO VOLUME 3.....1-7

ARTIGOS

[SALUD AMBIENTAL Y SUMINISTRO DE AGUA POTABLE. PROBLEMAS DE GESTIÓN PÚBLICA EN MEDIO DE LA ABUNDANCIA. CASO MUNICIPIO DE CANDELARIA - VALLE DEL CAUCA, COLÔMBIA.](#)

Environmental Health and Drinkable Water. Problems of Public Management in the Middle of the Abundance. Study of Case Candelaria's Municipality - Valley of Cauca, Colombia.

Saude Ambiental e Abastecimento de Água Potavel. Problemas de Gestão Publica em Meio a Abundancia. Caso do Município de Candelaria – Valle Del Cauca, Colômbia.

Derly Erazo NAVIA, Francy Viviana Bolaños TROCHEZ, Maryluz Martínez PEREA, Sergio Aponte REYES e Oscar Buitrago BERMÚDEZ.....8-33

[A LOCALIZAÇÃO DAS UNIDADES INDUSTRIAIS DAS MONTADORAS DE AUTOVEÍCULOS NO MERCOSUL.](#)

The Location of Industrial Units of Vehicle Assemblers in the Mercosul.

La Ubicación de las Unidades Industriales de los Fabricantes de Vehiculos en el Mercosur.

Alceli Ribeiro ALVES.....34-59

[CONTRADIÇÕES DE FORTALEZA: ENTRE O TURISMO GLOBALIZADO E A REPRODUÇÃO DO CIRCUITO INFERIOR DA ECONOMIA.](#)

Contradictions of Fortaleza: Between the Globalized Tourism ant the Reproduction of the Lower Circuit of Economy.

Contradicciones de Fortaleza: entre el Turismo Globalizado y la Reproducción del Circuito Inferior de la Economía.

Marina Regitz Montenegro.....60-83

[ANÁLISE SISTÊMICA DA PAISAGEM E SUA APLICABILIDADE AO ESTUDO DO LITORAL.](#)

Systemic Analysis of Landscape and Its Applicability to Study the Coast.

Analyse Systémique du Paysage et Son Applicabilité à L'étude du Littoral.

Otávio Augusto de Oliveira Lima BARRA, Francisco Edmar de Sousa SILVA e Fábio Perdigão VASCONCELOS.....84-109

[DA SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL À FRAGMENTAÇÃO URBANA EM CIDADES MÉDIAS: O CASO DO SETOR LESTE DA CIDADE DE MARÍLIA – SP.](#)

Of Sócio-Spatial Segregation of Urban Fragmentation in Médium-Sized Cities: the Case of the Eastern Sector of the City of Marília – SP.

Segregación Sócio-Espacial de la Fragmentación Urbana em Ciudades Medianas: el Caso del Sector Este de la Ciudad de Marília – SP.

Júlio César ZANDONADI.....110-134

[CONDICIONANTES DA INSTITUCIONALIZAÇÃO DE UNIDADES REGIONAIS NO BRASIL.](#)

Determinants of Institutionalization of Regional Units in Brazil.

Condicionantes de la Institucionalización de Unidades Regionales en Brasil.

Cleverson Alexsander REOLON e Vitor Koiti MIYAZAKI.....135-150

[APROPRIAÇÃO DA NATUREZA E PROCESSOS EROSIVOS NA REGIÃO DO MÉDIO SOLIMÕES – AM.](#)

Appropriation of Nature and Erosive Processes in the Region of the Médio Solimões - AM.

Apropiación de la Naturaleza y Procesos Erosivos en la Región de Médio Solimões - AM.
João Cândido André da SILVA NETO e Natacha Cíntia Regina ALEIXO.....151-176

GEOGRAFIA ELEITORAL: CONSIDERAÇÕES SOBRE A RELAÇÃO ENTRE POLÍTICA PARTIDÁRIA E ELEITORES.

Electoral Geography: Consideration of the Relation Between Politics of Parties and Electors.
Géographie Électorale: des Considérations Sur la Rélation entre la Politique Partidaire et les Électeurs.

Daniel Cirilo AUGUSTO e Márcia da SILVA.....177-193

CLIMA URBANO E SAÚDE: UMA ANÁLISE A PARTIR DE INDICADORES SOCIOAMBIENTAIS.

Urban Climate and Health: an Analysis From Environmental Indicators.
Clima Urbano y Salud: un Análisis de Indicadores Socioambientales.

Natacha Cíntia Regina ALEIXO.....194-216

AS MUDANÇAS NO ENSINO DE GEOGRAFIA PARA UMA AÇÃO EFETIVA DA CARTOGRAFIA ESCOLAR.

Changes in Teaching Geography to Effective Action of School Cartography.
Los Cambios en la Enseñanza de la Geografía para Acciones Efectivas de la Cartografía Escolar.

Denis RICHTER.....217-237

ASSIMETRIAS DAS RELAÇÕES ENTRE VERTICALIDADES E HORIZONTALIDADES NO ESTUDO DE CIDADES MÉDIAS: PROBLEMATIZAÇÕES A PARTIR DA CIDADE DE TEÓFILO OTONI – MG.

Asymmetries of the Relations Between Verticalities and Horizontalities in the Study About Medium-Sized Cities: Problematizations from the City of Teófilo Otoni – MG.
Asimetrías de las Relaciones entre Verticalidades y Horizontalidades en Ciudades Intermedias: Problematizaciones desde la Ciudad de Teófilo Otoni – MG.

Wagner BATELLA.....238-267

TECNOLOGIA APROPRIADA NO ACESSO À ÁGUA: EM BUSCA DA DIMINUIÇÃO DAS VULNERABILIDADES E INJUSTIÇAS SOCIOAMBIENTAIS NO SEMIÁRIDO BRASILEIRO.

Appropriate Technology in Access to Water: in Search Decrease of Social and Environmental Vulnerabilities and Injustices in the Brazilian Semiárido.

Tecnología Apropriada en el Acceso al Agua: en Busca de la Disminución de la Vulnerabilidad y la Injusticia Ambiental en Semiárido Brasileño.

Amanda Martins JACOB, Ana Paula FRACALANZA e Eduardo de Lima CALDAS.....268-293

A EDUCAÇÃO AMBIENTAL E A DIALÉTICA MATERIALISTA: ONCEPÇÕES TEÓRICAS.

Environmental Education and Dialectic Materialist: Theoretical Conceptions.
Educación Ambiental y Dialéctica Materialista: Concepciones Teóricas.

Antonio Lindomar Rodrigues Andrade.....294-313

DEFESAS DO PROPGEO NO PRIMEIRO SEMESTRE DE 2014: RESUMOS TESES / DISSERTAÇÕES

CENTRO REGIONAL DE CONVERGÊNCIA E IRRADIAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR (1983-2013).

Keila Andrade HAIASHIDA.....314-316

ANÁLISE TEMPORAL DA COBERTURA E USO DA TERRA COMO SUBSÍDIO AO ESTUDO DE DEGRADAÇÃO AMBIENTAL DA SERRA DA MERUOCA – CEARÁ.

Dennis Barbosa de LIMA.....317-318

PRESERVAÇÃO E CONSERVAÇÃO NO SEMIÁRIDO CEARENSE: O CONTEXTO DO MUNICÍPIO DE AIUABA – CEARÁ, BRASIL.

Lizabeth Silva OLIVEIRA.....	319-320
<u>ESTIMATIVA DE TRANSPORTE EÓLICO NA DUNA COSTEIRA MÓVEL DO PICO ALTO, PARACURU, CEARÁ.</u>	
Mailton Nogueira da ROCHA.....	321-323
<u>DINÂMICAS SOCIOESPACIAIS EM GUARAMIRANGA-CE: DOS FESTIVAIS À REOCUPAÇÃO DAS SEGUNDAS RESIDÊNCIAS PELO TURISMO.</u>	
Paulo Roberto Abreu de OLIVEIRA.....	324-325
<u>MEMÓRIA DA CIDADE: TRANSFORMAÇÕES E PERMANÊNCIAS NA PRODUÇÃO ESPACIAL DO NÚCLEO DE FORMAÇÃO HISTÓRICO DA CIDADE DE JUAZEIRO DO NORTE – CE.</u>	
Paulo Wendell Alves de OLIVEIRA.....	326-327
<u>O POTENCIAL DE USO DAS JAZIDAS DE ARGILA NA PLANÍCIE FLUVIAL DO RIO JAGUARIBE EM RUSSAS-CE.</u>	
Rodrigo Paiva de LUCENA.....	328-329
<u>ANÁLISE ESPAÇO-TEMPORAL DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO DA SERRA DA ARATANHA / CEARÁ.</u>	
Tatiany Soares de ARAÚJO.....	330-331
<u>A PLANÍCIE FLUVIAL DO RIO POTI NOS MUNICÍPIOS DE NOVO ORIENTE E CRATEÚS-CE: OS BARRAMENTOS E SUAS REPERCUSSÕES SOCIOAMBIENTAIS.</u>	
Antônia Martovânia de Sousa Monte.....	332-335
ENTREVISTA	
<u>RAZÃO E EMOÇÃO: PROFESSOR LUIZ CRUZ LIMA E/NA GEOGRAFIA (ENTREVISTA).</u>	
Tereza Sandra Loiola VASCONCELOS.....	336-348
HOMENAGEM	
<u>Professora ZENILDE BAIMA AMORA: uma trajetória dedicada à Geografia cearense.</u>	
Glauciana Alves TELES e Luiz Antônio Araújo GONÇALVES.....	349-358
RESENHA	
<u>“SOCIEDADE E NATUREZA NO SEMIÁRIDO: DESAFIOS E OLHARES GEOGRÁFICOS”.</u>	
Luiz Cruz LIMA.....	359-360

Depois de três números editados no biênio 2012-2013, a Revista GeoUECE prossegue em sua trajetória de divulgar conhecimento de ampla abrangência geográficas: questões teórico-metodológicas da Geografia; saberes e práticas do conhecimento geográfico, níveis de análise e conteúdo da Geografia; Cenários tendenciais e novos temas emergentes, dentre outros.

Deve-se reconhecer que a Geografia - ciência do espaço ou do território - tem raízes antigas. Mas a um só tempo, é setor do conhecimento de recente desenvolvimento. Envolvendo conhecimentos múltiplos e objetivos temáticos de amplo espectro, um periódico de cunho geográfico por excelência, deve refletir essas circunstâncias.

É o que se expõe neste quarto número semestral da GeoUECE, divulgando temas multivariados, tendo, em comum, as relações natureza x sociedade. Há evidente primazia de artigos ligados à problemática urbana e que tratam de contradições em áreas metropolitanas; da segregação socioespacial e fragmentada em cidades médias; das assimetrias das relações entre verticalidades e horizontalidades; dos indicadores socioambientais de clima urbano e saúde. Acrescenta-se um trabalho vinculado à localização das unidades industriais das montadoras de automóveis no Mercosul.

Referente ao ensino de Geografia, um artigo trata das mudanças de natureza didática através de uma ação efetiva da cartografia escolar. Há também especificidades no que tange aos condicionantes da institucionalização de unidades regionais no Brasil, da Geografia Eleitoral através da relação entre política partidária e eleitores e das concepções teóricas da educação ambiental e a dialética materialista.

Sobre temas associados ao contexto socioambiental, apresenta-se um artigo de natureza metodológica referente à análise sistêmica da paisagem e sua aplicabilidade ao estudo do litoral. Saúde ambiental e gestão de água potável expõem os problemas fundamentais da gestão pública em um meio de abundância das disponibilidades hídricas. Um último artigo trata da apropriação da natureza e principais repercussões dos processos erosivos no Médio Solimões, Amazonas.

Ressalta-se, assim, que a percepção da GeoUECE é conduzida no sentido de não existência de uma só Geografia. Admite-se uma constelação de saberes geográficos que se sustentam na diversidade e na pluralidade desses saberes.

Profa. Dra. Maria Lúcia Brito Cruz
Coordenadora do ProPGEO da UECE

RAZÃO E EMOÇÃO: PROFESSOR LUIZ CRUZ LIMA¹ E/NA GEOGRAFIA (ENTREVISTA)²

Tereza Sandra Loiola Vasconcelos³
terezavasconcelos@hotmail.com

Há alguns anos professor Luiz Cruz Lima comentou sobre a ideia de iniciarmos um projeto que contasse um pouco do seu movimento na Geografia do Ceará. A possibilidade surgiu, quando ao organizarmos a estante do Núcleo de Estudos do Território e do Turismo (NETTUR), laboratório anteriormente coordenado por ele, encontramos uma caixa repleta com suas agendas, desde a década de 1990 e, cada uma delas, resguardava sonhos e planos de vida, mas também reflexões de palestras e eventos que participava, além dos relatos e esboços de reuniões. Dentre outros momentos relevantes, sempre resultando em ideias e ações, lá se evidenciam o encontro com professor Florestan Fernandes, as sugestões da professora Rosa Ester Rossini, sem falar das orientações com o professor Milton Santos e reuniões com grupo docente e discente da Universidade Estadual do Ceará (UECE), convívio de longas datas. Todas estas pessoas foram e ainda permanecem importantes na Educação Brasileira. Diante disso, uma das



¹ Doutor em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (USP). Professor Emérito da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Professor dos cursos de Pós-Graduação em Geografia da UECE e da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Coordenador do Grupo de Pesquisa: “Sistemas técnicos e espaço”.

² Entrevista realizada em 20 de maio de 2014, Fortaleza (CE).

³ Doutoranda em Geografia (UECE). Mestre e Licenciada em Geografia (UECE). Professora do Departamento de Geografia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Campus Avançado Profa Maria Elisa de Albuquerque Maia (CAMEAM). Integrante dos Grupos de Pesquisa: “Sistemas técnicos e espaço” e “Núcleo de Estudos de Geografia Agrária e Regional (NuGAR)”.

preocupações que se apresentava era: O que fazer com tais registros? “Simplesmente” desfazê-los? Na dúvida, as caixas permanecem com as agendas e memórias, mas, dessa vez, na biblioteca da sua residência. Portanto, acredito que esse momento representa, decerto, parte desse ensejo.

Tereza Vasconcelos: Nas tantas linhas escritas, observa-se o quanto a história da sua vida encontra-se e, até mesmo, confunde-se com a própria história da Geografia, por meio do entrelaçar dos acontecimentos. Diante daqueles em que foi possível participar, poderia elencar quais eventos considera mais relevante?

Luiz Cruz Lima: Nossa vida é acionada pelos eventos, uns mais impulsivos outros mais exigentes de racionalidade. Primeiramente, ressaltar meu ingresso na vida docente, dando aula na preparação aos exames de admissão ao ginásio da época, quando ainda mal completara duas dezenas de anos de vida, graça aos interesses que me despertavam a busca de conhecimento e a aceleração que movia o mundo na primeira década da segunda metade do século XX. Embora sem a simultaneidade das informações, como ocorre na atualidade, a juventude de Fortaleza da época estava sintonizada com os acontecimentos mais relevantes que ocorriam nos centros mais dinâmicos, tanto nas metrópoles brasileiras, como onde se centravam as ideias revolucionárias. Isso me empolgava a entrar nas discussões políticas, até entrar no ambiente político revolucionário, o que me premiaria ser participante das reuniões, das discussões de ideias que se expressavam nos círculos mais esclarecidos na primeira metade dos anos 1960.

Tereza Vasconcelos: E a Geografia, como ela “entrou” na sua vida?

Luiz Cruz Lima: Iniciava-me no magistério com a responsabilidade de ministrar aulas de aritmética, geografia, história e português, obrigatórias para o exame de admissão ao curso ginásio, correspondendo ao sexto ano atual. Isso me daria chance para ampliar o namoro de criança que alimentava meu desejo de conhecer porque o mundo é assim, de terras e águas imensas, com povos vivendo com tantas desigualdades. Isso tudo me levava a ser discente no Curso de Graduação em Geografia, de 1966 a 1971, da Universidade Federal do Ceará (UFC). Via que era a ciência geográfica que melhor atenderia meu desejo de desvendar o oculto, daí porque ingressei nos estudos dessa ciência, onde ainda me mantenho.

Tereza Vasconcelos: Professor Luiz, você vivenciou o período efervescente da Ditadura Militar no Estado do Ceará. Digo efervescente não apenas pelo clima de tensão instaurado pelos militares, mas também pela formação de muitos círculos, grupos de estudo e encontros integrando jovens estudantes e trabalhadores, mesmo que às escondidas da repressão. Como foi a sua experiência?

Luiz Cruz Lima: Muito salutar. Repetiria tudo, mas com mais perfeição. Vou tentar um resumo. Como sou originado de família pobre, com pai operário e mãe costureira expulsos da cruenta vida sertaneja onde perderam dez filhos, desejava me enfileirar entre aqueles que lutavam por uma sociedade mais igualitária, mais solidária e livre da exploração. Tão logo constituí família, com apenas vinte anos, fui residir no bairro operário de Carlito Pamplona, inserido no coração da zona industrial da Av. Francisco Sá. Aí, iniciei minha caminhada nos movimentos de rua, de reunião dos moradores do Pirambu (na época a maior favela do mundo, um submundo da miséria em abandono pelo poder público), nas passeatas dos operários, embora sendo professor. Logo, ingressei no Partido Comunista Brasileiro (PCB), tendo minha célula (núcleo de companheiros de luta e de estudo) nesse bairro. Dado o fato de discordar da centralidade e domínio de meia dúzia de companheiros, passei a integrar um pequeno grupo dissidente que logo deixaria o partido e iria trabalhar independentemente com os operários, camponeses e estudantes. Para sobreviver, aluguei a sala 122 do edifício Triunfo, na Rua Liberato Barroso esquina com a Rua General Sampaio, onde preparava interessava para os exames supletivos. Nessa sala, aos sábados, eu e outros companheiros ministrávamos aula sobre a teoria de Marx e Lênin. Com o golpe de 1964, a sala foi interditada pelo exército com a prisão de meu irmão, enquanto eu estava foragido. Com a minha prisão e a liberação desse grande amigo e parente, a sala foi aberta para apenas funcionamento das aulas do curso regular, conforme determinação do exército. Naqueles anos, eu lecionava, também, taquigrafia como disciplina de arte comercial e as disciplinas do curso de admissão, em alguns colégios de Fortaleza. Tentarem me expulsar dos colégios por ser comunista. Mantiveram-me em alguns, no entanto, por me considerarem bom professor e colega. Com o regime político-militar, minha ação passou a ser clandestina, indo atuar num grupo político trotskista de elevado nível intelectual, mas com boa contribuição junto a operários, camponeses e estudantes. Nesta fase, eu me encontrava na UFC, sempre atuante, mas clandestinamente, embora observado pelo diretor do Instituto de Geociências, um professor altamente comprometido com a ditadura, (ainda vivo, mas aposentado), desejoso de prestar serviço ao

Serviço Nacional de Informações (SNI), com a minha prisão. Driblei-o e não lhe dei oportunidade. Particpei de muitas lutas, inclusive no enfrentamento com as forças militares, frente ao Centro dos Estudantes Universitários (CEU) no Benfica, onde hoje estão algumas unidades acadêmicas. Tive alguns amigos presos que sofreram torturas aqui e noutros estados. Outros foragidos para o exterior. Mas eu fiquei mesmo sendo vigiado e sempre atendendo a chatice dos chamados da Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS), para saber se tinha eu participado de algumas ações, inventadas pelo delegado. Ao concluir o curso superior, em 1971, fui convidado a apresentar minha primeira pesquisa, sobre a dita zona industrial da Av. Francisco Sá, num Congresso de Geógrafos no Canadá. Ao tentar obter o passaporte, eis que a tal DOPS só me permitiria viajar, se me apresentasse à polícia daquele país. Claro que fui, mas não atendi a essa esdrúxula e imbecil ordem. Voltei, mas não fui preso. Diante do que vi e vivi no ambiente partidário, resolvi não mais me submeter a partido, mas agir independente. Concluindo o curso superior, logo fui admitido em seleção para a Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos (UECE/FAFIDAM) em Limoeiro do Norte (CE), para lecionar Geografia. Novamente, lá estavam os espíões, segundo me avisara um dos diretores. Além disso, um delegado local quis me negar a folha corrida para assumir, exigência da época da repressão, mas consegui com alguma dificuldade. Com o tempo, montei trincheira de luta na docência universitária, em busca da defesa de uma vida mais solidária e menos desigualdade entre os homens.

Tereza Vasconcelos: Tomando o gancho desse clima, não poderia deixar de tratar das manifestações históricas que ocuparam as ruas nos mais diversos recantos do Brasil. Sob o olhar geográfico e diante de sua experiência, no seu entendimento quais foram os “estopins” e, pergunto-lhe: Há, de fato, liberdade para manifestar-se?

Luiz Cruz Lima: Não resta dúvida que não se constrói uma nação em poucas décadas. O processo da formação socioespacial brasileira é muito sinuoso, com múltiplas ações de grupos concentradores de poder e de diversificados interesses, daí decorrendo a organização de um Estado representativo dessas forças, além de se filiarem, claramente, aos interesses dos países hegemônicos como ocorreu em 1808 (com a Inglaterra) e em 1964 (com os Estados Unidos). Mais recentemente, com o duro e cruel golpe civil-militar de 1964, tivemos que lutar muito para possibilitar a realidade atual. Claro, dentro do contexto do sanguinário

sistema capitalista. O que os movimentos populares puderam soerguer foi esse cenário de uma democracia burguesa de nível retardatário. Desconheço nação que tenha conquistado liberdade sem muita luta, com derramamento de sangue. Temos que lutar muito ainda. Vejam que agora estamos abrindo algumas brechas para processar os maiores criminosos da recente ditadura, os sanguinários torturadores. Esses monstros são protegidos por grupos poderosos, pois com eles tinham compromisso. Os movimentos de rua de junho de 2013 foi um pequeno, mas importante cenário em que se exercitou o poder das massas. Parece-me que as derrotas das massas as fortalecem para lutas futuras. É o que ocorre com as greves em que os operários não conseguem suas reivindicações, mas elas deixam grandes lições para as próximas. Importante ter em mente que a liberdade é uma conquista das lutas, das batalhas. Assim, não se espera que o Estado seja benevolente com os movimentos de rua, especialmente quando se voltam contra o capitalismo, contra o poder da riqueza.

Tereza Vasconcelos: Considerando o nascedouro das Universidades no Estado do Ceará, na sua concepção, estas surgem como resultantes da “liberdade de expressão” ou ainda inseridas na “lógica da repressão”?

Luiz Cruz Lima: O nascer de um centro de produção ou de reprodução de conhecimento para o povo não se faz em regime ditatorial. Agora, não vamos pensar que a universidade seja o núcleo do movimento de transformação da sociedade capitalista. Às vezes, ela serve para fortalecer o capitalismo. Um caso exemplar são as Instituições de Ensino Superior (IES) dos EUA. A Universidade de São Paulo (USP) nasceu de movimento da burguesia nos anos 1930, para formar a força de trabalho qualificada para ser explorada e lhe propiciar alta mais valia. No caso do Ceará, as escolas de ensino superior surgem no momento em que a sociedade urbana de classe alta e média exigia profissionais para atender suas necessidades. Elas foram agregadas em Universidade quando a dinâmica dos negócios possibilitava a absorção dos profissionais capacitados, para reprodução do capital das empresas. É claro que a Universidade é um pedaço do Estado, onde a formação é controlada dentro do reino do que é de interesse do capitalismo. Mesmo assim, a luta do povo também ganha com adesão de intelectuais acadêmicos que decidam se agregar à batalha dos que vivem marginalizados pelo poder público e terrivelmente explorados pelos donos do capital. Esses “intelectuais engajados” poderão contribuir com alguns ensinamentos para elevar o conhecimento das pessoas pobres dos bairros

periféricos, do meio rural onde se localizam os mais variados tipos de trabalhadores. Em síntese, utilizando-me da linguagem do meu povo, diria que a universidade é “faca de dois gumes”, pode servir aos poderosos, como pode, também, ser útil ao povo pobre.

Tereza Vasconcelos: A entrada do Curso de Geografia nas Universidades do Estado do Ceará acompanha esse processo?

Luiz Cruz Lima: De certo modo. Não somente aqui, mas em várias partes do Brasil, vemos que os estudantes e pequena parte dos docentes assumem posturas políticas a favor da luta do povo. Mas há um bom número que estão na universidade para adquirir conhecimento técnico como meio para conseguir bons salários e poder. Há que lembrar que a Geografia, ensinada por muitos professores, é alienante. No caso de nossa UECE, apesar da permanência de docentes retardatários, os discentes são provindos de classes sociais mais baixas, com ânsia de mudar a sociedade desigual, daí entrarem nos movimentos de protesto, de lutas em prol de melhores condições de ensino e de trabalho. Apesar dos escritos de Yves Lacoste, de Milton Santos, de Neil Smith e tantos outros geógrafos críticos, a Geografia ainda “serve para fazer a guerra”, isto é, serve como instrumento para alienar, para alimentar o capital e ser contra a luta do povo. Por isso, temos a obrigação de trabalhar para a Geografia ser útil aos que sustentam a universidade: o povo.

Tereza Vasconcelos: Você analisa que, ao longo dos anos, o ensino de Geografia e as pesquisas desenvolvidas no âmbito das Universidades localizadas no estado do Ceará foram construindo e consolidando sua própria identidade ou ainda possuem fortes influências das escolas de base francesa? Evidentemente, tenho o cuidado para não entender a identidade como algo homogêneo e nem muito menos isolado do Todo.

Luiz Cruz Lima: Em recente número da revista Ciênciahoje, número 312, vol. 52 de março de 2014, foi publicada a entrevista com o pesquisador Cláudio Pinheiro, com o título “Descolonização do pensamento”, onde ele destaca essa “papagaição” de nossos acadêmicos. Na Geografia, isso é explícito. Em 1978, ao retornar às lides acadêmicas brasileiras, Milton Santos nos presenteia com seu “Por uma Geografia nova”, onde ele apresenta sua proposta de fazermos uma Geografia para nossa realidade, a realidade do mundo subdesenvolvido, com o fim de construirmos as saídas para uma sociedade mais humana. Depois de

VASCONCELOS, T.S.L. Razão e emoção: professor Luiz Cruz Lima e/na Geografia (entrevista). Revista GeoUECE - Programa de Pós-Graduação em Geografia da UECE Fortaleza/CE, v. 3, nº 4, p. 336-348, jan./jun. 2014. Disponível em <http://seer.uece.br/geouece>.

algumas décadas, já vemos o produto dessa proposição do grande geógrafo. Muitos colegas hoje se inserem na fileira aberta em 1978. Para conseguir pensar de modo mais livre da ideologia dos dominadores, temos que iniciar com a utilização de um método que nos ofereça clareza da realidade do espaço em que vivemos no contexto do mundo. Nisso reside um dos caminhos para sair do embuste da colonização do pensamento e criarmos uma consciência livre dos grilhões da dependência dos países hegemônicos que agridem nosso pensar e nossa independência de criar o que nos é útil.

Tereza Vasconcelos: Sempre escutei você falar que a juventude da graduação lhe dava ânimo. O exercício da docência e a proximidade com os alunos, tantos anos depois, ainda lhe proporciona esse mesmo sentimento?

Luiz Cruz Lima: Evidente que as décadas da ditadura recente e a arquitetura do regime capitalista atual massacraram a consciência do povo, atingindo de cheio a juventude. O comportamento e os valores ditados pelas mídias, além da modificação da linguagem avantajam-se no meio dos jovens: ao invés de solidariedade, utiliza-se competitividade; ao invés de formação crítica, destaca-se o empreendedorismo; a técnica superpõe-se ao conhecimento científico e crítico; a velocidade é mais importante do que a reflexão; o esquema torna-se bastante, desprezando-se a leitura atenta e reflexiva; a linguagem reduzida desfaz a elegância do falar; a discussão política é trocada pelos comentários vãos e sem nexos; o valor às coisas fala mais alto do que o valor às pessoas; o aparente vale mais que o conteúdo, especialmente tratando-se das pessoas, e por aí vai, desmantelando a sociedade e sua base preciosa que é a juventude. Nas minhas modestas aulas, eu já sentia isso, mas na condução dos trabalhos eu exigia muita seriedade e conseguia quebrar essa força negativa que pairava na atmosfera das atividades dos alunos. Nas aulas da pós-graduação, esse comportamento doentio domina alguns, especialmente envolvidos mais com os aparelhinhos da telemídia como a exibirem a modernidade, embora a cabeça esteja vazia e isolada do debate. Que mestres e doutores teremos para reproduzir o mundo do saber crítico!

Tereza Vasconcelos: Ainda sobre o Ensino da Geografia, como observa, na atualidade, o “Ensino Básico”, que compreende os Ensinos Fundamentais (I e II) e Ensino Médio?

Luiz Cruz Lima: Nessas escolas públicas, dadas às péssimas condições de abandono por parte dos governantes, além da carga excessiva de trabalho dos professores e gestores, o que é possível ministrar é a repetição dos planos elaborados sem criatividade e possibilidade para os estudantes dialogarem e exporem os problemas reais de sua vida. Não há encanto no ensinar, falta motivação para alunos e docentes a desenvolverem uma prática do diálogo crítico. O resultado é um limitado número de jovens mal preparados para continuidade de sua formação e para a conquista de melhores condições de trabalho. Por vezes, a sala de aula passa a ser palco para expressar a revolta, com os casos de agressão entre colegas ou contra os mestres. Na escola privada, dita com melhores condições de trabalho, o que se ensina é o que é útil ao “status quo”, modificando-se a aparência do quadro expositor e das cadeiras, para continuar o mesmo conteúdo de alienação. Se salva disso um grupo de colegas que criam suas aulas, trazem os problemas do cotidiano, numa abordagem metodológica freiriana e conseguem fazer uma Geografia que sirva para a formação dos jovens estudantes. Nas minhas aulas, com o diálogo inicial, ouvi muitas dessas confissões dos jovens que provinham do curso médio. Nunca me abati, mas era motivo para ampliar minha responsabilidade na formação daqueles mancebos que expressavam forte desejo de sair dessa anemia intelectual. As obras de Milton Santos têm tido muita difusão no Brasil e nos demais países da América Latina, especialmente entre os professores, o que vem contribuindo para melhorar a formação das atividades docentes.

Tereza Vasconcelos: Atualmente, no Ceará há três Programas de Pós-Graduação (Universidade Estadual do Ceará-UECE; Universidade Federal do Ceará-UFC; Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA). Dois destes apresentam Doutorado em Geografia. Percebe-se que esse movimento, de abertura de novas pós-graduações, expande-se por todo o país e nos mais diversos cursos de graduação, como não antes visto. Como analisa essa expansão? Compreende-a como positivamente?

Luiz Cruz Lima: É muito salutar a descentralização dos centros de formação, antes restrito às duas metrópoles nacionais. Basta visitar o site da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) para vermos como, nos últimos dez anos, esse processo se expandiu pelo país. Por outro lado, torna-se preocupante quanto à avaliação desses cursos e a própria formação dos pós-graduandos, especialmente com título de doutor. Essa avaliação não deve

restringir-se ao curso em si, mas às IES no que se refere à renovação e ampliação do quadro docente e às estruturas de funcionamento, com destaque à biblioteca. Um item importante na avaliação desses cursos se refere à produção de qualidade e de pesquisa responsável que apresentem bons resultados para o corpo do conhecimento como para a valorização da sociedade.

Tereza Vasconcelos: Para além da possibilidade de convênios e parcerias com outros Centros e Universidades Nacionais e Internacionais e da elaboração de dissertações e teses nos tempos considerados “hábeis” para os órgãos de fomento, no que e como a pesquisa e a ciência podem, de fato, contribuir com a transformação ou, ao menos, proporcionar melhores condições para a realidade?

Luiz Cruz Lima: Como disse, anteriormente, a Universidade é “faca de dois gumes”. Ela pode servir aos bons anjos e aos demônios. Caso recente serve como exemplo, enquanto uma colega de uma das nossas universidades do Ceará fazia uma pesquisa para servir de fortalecimento de uma comunidade do litoral, outro colega fazia outra pesquisa a favor de um grande empresário, em detrimento da referida comunidade. Grande volume de dinheiro dos agentes de fomento dá preferência a projetos que proporcionem “desenvolvimento” de linhas preferenciais. A preferência ou a prioridade é servir às empresas, muitas delas com ações que prejudicam as coletividades. Em recente pesquisa de campo em uma grande irrigação, encontramos uma das universidades envolvida no projeto que só beneficiava empresários, além de ser invasora de terras dos camponeses e de indígenas. Poucas pesquisas financiadas se dirigem a mudar a realidade. Digo mais: as pesquisas não retornam às comunidades, nem para apresentar os resultados.

Tereza Vasconcelos: De certo, aqui estamos tracejando o tripé preconizado pela Universidade: Ensino, Pesquisa e Extensão. Percebe-se que essa última acaba, por vezes, sendo colocada em segundo plano ou mesmo em terceiro... Essa também é uma avaliação sua? Pensa que o excesso de atividades demandadas aos docentes e, muitas vezes, a carência de infraestrutura proporcionada pelo Estado influencia?

Luiz Cruz Lima: Extensão mantém-se como atividade sem grande importância nesse tripé de nossas universidades. Basta fazermos um demonstrativo estatístico para vermos a discrepância entre a quantidade de projetos. Mais ainda: as pesquisas quase sempre não produzem atividade de extensão, nem sequer

retornam com seus resultados para as comunidades que ofereceram informações para os pesquisadores.

Tereza Vasconcelos: Ao longo da História do Pensamento Geográfico, muitos conceitos foram entendidos como objetos da Geografia. Assim foi com a Região e depois há a retomada do Espaço Geográfico. O mesmo, a meu ver, vem sendo levado ao conceito de Território. Se assim também compreende, à que isso se deve?

Luiz Cruz Lima: Até o final da década de 1970, os geógrafos brasileiros e latinoamericanos viviam submetidos às teorias e aos métodos provindos das academias dos países hegemônicos, ou mais precisamente, da França, Estados Unidos e Alemanha. Conceitos, paradigmas, categorias de análise, método e a linguagem técnica e científica eram dos núcleos do saber internacional oficializado pela “colonização do pensamento”, como me referi anteriormente. Alguns geógrafos brasileiros se armaram de outras categorias e deram início ao movimento epistemológico que veio se coroar com a contribuição de Milton Santos. Além desse torvelinho de teorias que povoavam as cabeças de nossos jovens estudantes de geografia, causando mais confusão do que norteamento para analisar nossa realidade. Ao iniciar minhas aulas da disciplina “Fundamentos de Geografia”, eu indagava: o que é Geografia? Quase todos dizem mil e uma extravagâncias. Sintetizando, revelavam que a Geografia estuda tudo. Maior era a confusão ao solicitar uma definição de espaço. Assim marchava a formação do pensamento geográfico no Brasil. Tivemos um “vendaval” nos ambientes acadêmicos e nos institutos de pesquisa do país, quando novas abordagens são propostas em eventos acadêmicos e em algumas cátedras, como a que tive a honra de ser responsável em minha universidade. Era novo tratamento do método, baseado na dialética, nas abordagens marxistas, entendendo a Geografia como ciência social, sem abandonar a importância da natureza, portanto continuar a termos Geografia Humana e Geografia Física. Mais importante: passamos a ter uma ciência dinâmica, como dinâmica é a sociedade, é a vida. Alguns chamam até de Geografia em movimento.

Tereza Vasconcelos: Apesar de discussão bastante debatida, o conceito de Espaço Geográfico ainda demanda muitas dúvidas e, em alguns casos, equívocos. Penso que essa discussão é bastante ampla e complexa. No entanto,

gostaria de aproveitar a oportunidade e perguntá-lo: como compreende o espaço geográfico?

Luiz Cruz Lima: Para mim e para meus alunos, ao conceito não cabe dúvidas. Cabem dúvidas para quem busca um conceito impregnado de positivismo, de conceito matemático. Sei que as metamorfoses de uma ciência não se fazem em pouco tempo. Quatro décadas é um tempo curto para um novo conhecimento sobrepor ao que tivemos durante mais de um século de difusão, inclusive com a grande contribuição dos governos e das empresas. O novo que se põe na Geografia, desde o último quartel do século XX não é de agrado para os que detêm o poder no país e no mundo. Não é em vão quando Milton Santos diz, no último capítulo de seu “Por uma Geografia nova”: “Ela [a Geografia] deve tentar dominar o futuro para o Homem, isto é, *para todos os homens* e não só para um pequeno número deles”. Ora, isso atinge o cerne da questão, termos uma ciência que sirva ao homem, à sociedade, e não aos que têm interesse à acumulação e reprodução do capital. Duas obras clássicas desse autor se centram na compreensão da Geografia nova: o já citado e o “A natureza do espaço”.

Tereza Vasconcelos: Professor Luiz, você tem se dedicado há décadas aos estudos referentes aos conceitos de Formação e Reestruturação Socioespacial, tornando-se referência. Seus estudos possuem como base inspiradora o debate, acerca da “formação econômica social”, conceito desenvolvido por Marx e as ideias do Milton Santos, bem como, evidentemente, de outros pensadores. Poderia explanar um pouco no que tange a Formação Socioespacial e Reestruturação Socioespacial, a partir dos trabalhos desenvolvidos pelo Grupo de Pesquisa que coordena?

Luiz Cruz Lima: Em primeiro lugar, referencio na Geografia o conceito de formação socioespacial por força do desejo de melhor conhecer meu povo. Isto nos conduz a compreender como a sociedade processou sua construção, tanto em sua cultura, quanto em sua materialidade, cuja temporalidade nos obriga a atender a proposta de periodização. Como cada período comporta diferentes fases, a partir do desfalecimento do período anterior, buscamos os meios de produção e as relações de produção que deram suporte a cada fase. Por fim, vem a crise ou a ruptura como culminância do momento em que o período em falência dá origem a um novo momento. Nesse perpassar de momentos históricos, a sociedade vai enriquecendo-se com novos valores, novos objetos e novas ações.

É a essa sequência, desvendada nas pesquisas que chamamos de reestruturação socioespacial. Com meus inesquecíveis estudantes, discutimos esses procedimentos metodológicos e aplicamos numa fração do Brasil, no caso o Estado do Ceará. Percutando as preciosas obras dos pensadores, como Lefebvre, Marx, Milton Santos e outros, tenho encontrada boas indicações para futuro trabalho em que poderei contribuir para melhor discernir as ideias que nos deixou esse último pensador.

Tereza Vasconcelos: Ainda tratando da pergunta anterior e tomando como referência o debate que relaciona a Formação Socioespacial ao Estado-Nação, é possível a leitura, a partir do Ceará, ou seja, é possível a “Formação Socioespacial do Ceará e a Reestruturação Socioespacial do Ceará?”

Luiz Cruz Lima: O Ceará não está fora do mundo, fora do Brasil. O Ceará é uma fração desse todo onde se expressaram e continuam a ocorrer muitos importantes fatos de expressão nacional e internacional. Um território que finalizava o Brasil Colonial, dando início o outro Brasil, o Grão Pará e Maranhão, foi palco de muitos acontecimentos que têm sido olvidados pela Geografia. E nossos indígenas, com suas marcas, suas territorialidades e a forte cultura muito bem gravada em nós todos (da tapioca à rede, da religiosidade ao uso das ervas, além da linguagem e das toponímias), tudo isso tem que ser inserido na Geografia brasileira. A propósito, por que se dá tanta importância aos acontecimentos históricos do Sul e Sudeste, como expressão nacional, enquanto o que ocorreu no Nordeste é apenas local ou regional? Temos que retomar uma metodologia em que se veja o Brasil, a partir do Ceará, ou do Maranhão, do Piauí, por exemplo. Compreendo que Lênin tratou, em seu “O desenvolvimento do capitalismo na Rússia” da formação econômica e social da unidade nacional, mas temos que experimentar refazer os caminhos, sem abandonar os princípios teóricos. Isso tem me feito, com meus estudantes, a trabalhar a Geografia do Ceará, a partir desse viés. É um debate em andamento.

Tereza Vasconcelos: Nos últimos anos você tem se dedicado intensamente à questão indígena, agregando pesquisadores que tratam das conflitualidades e conflitos, mas, também, inserindo o debate nas raízes da Formação Socioespacial do Ceará. Como vem se desenvolvendo tais abordagens?

Luiz Cruz Lima: É um desafio da pesquisa. Quando caminhávamos na periodização da formação socioespacial do Ceará, eis que barramos num dilema:

VASCONCELOS, T.S.L. Razão e emoção: professor Luiz Cruz Lima e/na Geografia (entrevista). Revista GeoUECE - Programa de Pós-Graduação em Geografia da UECE Fortaleza/CE, v. 3, nº 4, p. 336-348, jan./jun. 2014. Disponível em <http://seer.uece.br/geouece>.

a Geografia oficial e escolar ensina que nosso território inicia-se com as fazendas de gado dos imigrantes que ocuparam as terras ribeirinhas, homens invasores batizados como colonizadores. A Geografia mantém-se silenciosa sobre a gente que vivia no litoral e nos amplos sertões e serras, antes do boi ocupar as terras dos homens, como as ovelhas inglesas expulsaram os homens do território irlandês, no início da fabricação dos tecidos de lã. Esse comportamento dos invasores provocou guerras infundáveis de resistência com muitas mortes, finalizando com a submissão dos indígenas. A Geografia sofre de miopia para tratar desses fatos, repetindo que o “colonizador” produziu o espaço que hoje utilizamos. Parece-me que essa Geografia fora instituída pelas mesmas cabeças que escreveram e impuseram o famoso documento oficial de 1863 onde se declara que no Ceará não mais havia índios. O movimento indigenista do Ceará provocou a Assembléia Legislativa anular esse documento insano e de interesses escusos dos poderosos do século XIX. Nasce daí a compreensão de que tivemos um espaço indígena, em cima do qual se produz um espaço da agropecuária. Os indígenas nunca sumiram, foram silenciosos para não serem mortos, mas hoje eles bradam por seus direitos extorquidos pelos que tinham mando sobre os bens e sobre a vida, como os militares, os governantes, os latifundiários e a igreja. É dever do intelectual subverter o que nos força aprender como verdade.

Tereza Vasconcelos: Por fim, gostaria de agradecer a dedicação, gentileza e atenção que vem dedicando, ao longo de tantos anos. É sempre um grande aprendizado ouvi-lo. Que outros momentos possam acontecer. Muito agradecida!

Professora ZENILDE BAIMA AMORA: uma trajetória dedicada à Geografia cearense.

Glauciana Alves Teles¹
glauciana@hotmail.com

Luiz Antônio Araújo Gonçalves¹
geoluiz@hotmail.com

Ao nos reportarmos à Geografia cearense, vêm à tona vários nomes que contribuíram para o engrandecimento dessa ciência em nosso Estado. São pessoas que dedicaram suas vidas às pesquisas e estudos direcionados à elucidação dos processos sócioespaciais do Ceará, da Região Nordeste e do Brasil. Uma pessoa que sempre é mencionada pela trajetória de competência e dedicação à Ciência Geográfica cearense é a professora doutora Zenilde Baima Amora.



A professora Zenilde nasceu na cidade de Fortaleza e realizou seus estudos primários em Aquiraz, onde morou durante alguns anos de sua infância. Aos 12 anos, retornou à Fortaleza para realizar estudos secundários, tendo concluído, na Escola Normal, o curso de professora primária, como era institucionalizado naquela época. Dos anos de 1965 a 1968, cursou a graduação em Geografia na Universidade Federal do Ceará – UFC, fazendo parte da 3ª turma do curso recém-criado, no ano de 1963.

¹ Doutorandos do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PROP GEO), da Universidade Estadual do Ceará.

Esse período foi marcado no Brasil pela grande agitação nos planos político e econômico, haja vista que o País vivenciava a ditadura militar com uma forte centralização do poder que se refletia na dura censura a toda tentativa de contestação à ordem estabelecida. O mundo também vivenciava a efervescência da juventude, com destaque para as mobilizações do Maio de 1968, com a luta dos jovens por novos tempos e por uma nova sociedade diferente e melhor. Assim, as manifestações à censura imposta pelos aparelhos ideológicos do Estado tinham na universidade o eixo central de discussão. A jovem Zenilde presenciou esses momentos históricos e essa vivência acadêmica a instigou a pensar a realidade social e realizar suas escolhas, seus posicionamentos políticos e profissionais. Ainda na escola secundária, teve a influência de vários mestres, dentre eles a do Prof. Américo Barreira, despertando-a para as questões sociais do século XX, que marcaram e demarcam até hoje sua atuação como intelectual e pessoa dotada de grande humanidade.

Ainda no curso de graduação, teve contato mais direto com a língua francesa, uma vez que parte da bibliografia das disciplinas do curso era de obras neste código. Para ministrar aulas na UFC, vieram professores que fizeram doutorado na França, como a professora Amélia Alba Nogueira e a professora Ana Carvalho, que tiveram importante participação na sua formação, especialmente a professora Ana Carvalho, que deu importante contribuição para sua formação.

Ao terminar a graduação, a prof^a Zenilde encarou o desafio de mudar-se para a cidade de São Paulo a fim de cursar o Mestrado em Geografia Humana, na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – FFLCH, da Universidade de São Paulo - USP, considerada a mais renomeada universidade do país. Nesse período, início da década de 1970, o Nordeste vivenciava uma etapa de sua industrialização centrada nos incentivos fiscais da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste - SUDENE. A professora Zenilde, atenta ao debate acadêmico e às transformações em curso no País, não perde de vista sua terra natal e volta seus estudos de mestrado para a política de industrialização planejada que se realizava no Nordeste, sob os auspícios da SUDENE, mais especificamente, sobre as transformações da indústria de Fortaleza, no Ceará.

Certa vez, em uma conversa informal, a professora Zenilde nos relatava que, na época de seu mestrado, período em que morou no Conjunto Residencial da Universidade de São Paulo – CRUSP, pôde se inteirar do difícil momento que vivia o País com a falta de liberdade e a dificuldade de ler autores de ideário crítico. Nesse tempo, também partilhou do convívio de colegas de mestrado hoje eminentes professores de renome nacional e internacional, como Arlete Moisés Rodrigues, Léa Francesconi, Odete Seabra, Silvana Pintaudi, Regina Célia dos Santos Bega, Sandra Lencioni além de José Borzacchiello da Silva, colega e amigo com quem trabalhou muitos anos na UFC. Passados quatro anos em São Paulo, entre estudos e trabalhos, defende a dissertação “As transformações da indústria de Fortaleza face à política de incentivos fiscais da SUDENE”, sob a orientação da professora Dra. Léa Goldenstein. Em seus trabalhos de campo sobre a indústria de Fortaleza, teve a oportunidade de entrevistar os professores Manoel Correia de Andrade e Raimundo Girão, dentre outros intelectuais indispensáveis para compreender o processo de industrialização em implantação no Ceará naquele momento.

Passada a fase de mestrado no retorno a Fortaleza, engaja-se na Secretaria de Planejamento do Estado do Ceará – SEPLAG, participando de uma equipe interdisciplinar e desenvolvendo trabalhos voltados às questões urbanas e sociais das cidades cearenses. No ano de 1978, ingressa como professora colaboradora do curso de Geografia da Universidade Federal do Ceará e, em 1979, submete-se a concurso público para o cargo de professora assistente, obtendo aprovação.

A professora Zenilde galgou novos sonhos e projetos que a levariam para além-mar, e atravessou o Atlântico para aprofundar seus estudos na *Université de Toulouse - Le Mirail*, na França, onde cursa seu Doutorado em *Geographie et Aménagement du Territoire*. Ao longo de sua estada na França, a professora Zenilde aprofunda conhecimentos da língua e cultura francesas e inicia seu acervo de livros, revistas e compêndios nesse idioma e outros, que mais tarde servirá de base para orientações de dissertações e teses, bem como às pesquisas que realiza com outros professores. Nesse período, acompanha os acontecimentos

políticos, sociais, culturais e econômicos do Brasil e da França, mas sem perder de vista as ocorrências locais de seu objeto de estudo. O debate sobre o desenvolvimento econômico da região Nordeste e a expansão urbana, sobretudo das capitais nordestinas, chama a atenção da Pesquisadora para explicar o surgimento de uma classe média em Fortaleza/CE, originária, principalmente, da estrutura de empregos públicos e profissionais liberais, que impactaram, diretamente, a expansão urbana da Cidade por meio da aquisição da casa ou do apartamento próprio. Em 1984, defende a Tese “Recherche sur la classe moyenne à Fortaleza” (Estudo sobre a classe média em Fortaleza), sob a orientação do professor Dr. *Bernard Kayser*.

Retornando ao Ceará, a professora Zenilde, tornando-se coordenadora do curso de Geografia da UFC. Com uma capacidade de trabalho intensa, realiza várias atividades no âmbito da pesquisa e participa de vários eventos de conjectura local, nacional e internacional, além de atuar em programas de extensão universitária. Destaca-se, ainda, a atuação da professora Zenilde junto à Associação dos Geógrafos Brasileiros – AGB, Seção Fortaleza, sobretudo nas ações desenvolvidas na área de ensino e nos debates e seminários com professores da educação básica com relação à proposta de separação dos currículos de História e Geografia que naquele momento, década de 1980, se encontravam dentro do conteúdo programático da matéria de Estudos Sociais. No calor das discussões, participa do primeiro encontro “I Encontro Fala Professor”, realizado em Brasília/DF, no ano de 1987. A professora Zenilde permanece na UFC até o ano de 1992, quando se aposenta por tempo de serviço, uma vez que ingressou na atividade docente ainda muito jovem, trabalhando como professora da educação básica nas cidades de Fortaleza e São Paulo.

Sua trajetória profissional, entretanto, não se encerraria por aí. Ainda na década de 1990, a professora Zenilde chega à Universidade Estadual do Ceará – UECE, como professora visitante, a convite do professor Dr. Luiz Cruz Lima. Nesse período, a UECE passava por uma grande ebulição, com o projeto de transformação em uma Universidade do Semiárido encabeçada pelo então Reitor, professor Paulo de Melo Jorge Filho (Paulo Petrola). Esse projeto visava a

incentivar a pesquisa por meio da implantação da pós-graduação que se iniciava naquele momento na Universidade. É nesse contexto que a professora Zenilde presta novo concurso e ingressa na UECE como professora adjunta.

Sua trajetória na UECE sempre foi pautada pelo empenho e seriedade como docente no ensino de graduação, ministrando aulas e orientando iniciação científica e TCC (trabalhos de término de curso). Para a professora Zenilde, a graduação sempre foi a razão primeira de ser da Universidade. Desse comprometimento, surgiu a parceria, que durou longos anos, com a professora Dra. Cláudia Maria Magalhães Grangeiro, ministrando as disciplinas Teoria e Prática de Pesquisa em Geografia Humana e Teoria e Prática de Pesquisa em Geografia Física, respectivamente. A proposta era de trabalhar, de forma integrada, teorias e métodos da Geografia Física e Geografia Humana junto aos projetos de pesquisa desenvolvidos pelos alunos nas disciplinas que eram ministradas conjuntamente em sala. Certamente, muitos alunos que fizeram a pós-graduação tiveram seus projetos, ainda embrionários, discutidos e refletidos no debate aberto com as duas docentes.

Não obstante o trabalho marcante realizado no ensino de graduação, a professora Zenilde também fez parte da equipe de elaboração de uma proposta para a criação de um Instituto do Semiárido no Ceará, atendendo a uma solicitação do Professor Dr. Luiz Cruz Lima, na época coordenador do Núcleo de Geografia Aplicada – NUGA, que de certa forma lançou as bases para a criação do Mestrado Acadêmico em Geografia da UECE, com os inúmeros trabalhos de pesquisa e extensão realizados.

A professora Zenilde também teve a sua trajetória marcada pela atuação na gestão da educação superior na UECE, quando foi convidada pela professora Cira Petrola (Pró-Reitora) para atuar como assessora na Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa – PROPGPq. Essa experiência lhe permitiu conhecer melhor a realidade da UECE, dos professores, dos cursos e o desafio que era, naquele período, fomentar a pesquisa, pois, conforme nos relatou uma vez, a UECE, nos anos 1990, contava um número ainda reduzido de bolsas de Iniciação Científica, bem diferente da realidade atual, que distribuiu cerca de 741 bolsas, no

período de 2013-2014, nos vários programas institucionais de iniciação científica que a UECE possui. Ainda na Pró-Reitoria, participou da organização de eventos, como a Semana Universitária, e coordenou um programa de eventos intitulado “Grandes Autores, Grandes Debates”, quando teve a oportunidade de sugerir os nomes dos ilustres geógrafos Milton Santos e Aziz Ab’Saber, que trouxeram grandes contribuições ao debate acadêmico na UECE.

Foi nesse ambiente de debates, incentivo à pesquisa e formação de grupos de trabalho que a professora Zenilde, buscando o crescimento e formação da comunidade acadêmica, bem como daqueles que iriam ingressar na UECE, tomou a iniciativa de enviar o projeto para a criação do Programa Especial de Treinamento – PET, hoje intitulado Programa de Educação Tutorial – PET, no curso de Geografia. O primeiro projeto enviado para a Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal em Nível Superior – CAPES não foi aprovado em decorrência da falta de infraestrutura, de modo que a professora Zenilde teve papel decisivo na reformulação e envio do segundo projeto que foi contemplado, criando o PET Geografia na UECE, em 1996. Como primeira tutora do Programa, a professora Zenilde fincou alguns pilares para a constituição de um ambiente de formação e debate acadêmico baseado na tríade ensino, pesquisa e extensão.

Não há dúvidas de que essa iniciativa rendeu e rende frutos, ainda hoje, para a graduação e pós-graduação em Geografia da UECE, haja vista o fato de que, ao longo desses anos, vários estudantes da Licenciatura e Bacharelado tiveram a oportunidade de participar do PET, um diferencial pela contribuição na qualificação dos estudantes e no melhoramento das práticas de pesquisa, ensino e extensão nesta Universidade. Outra contribuição conferida com relação às atividades voltadas para a formação universitária, foi o trabalho desenvolvido pela professora Zenilde na coordenação da área de Geografia no Núcleo de Educação à Distância – NECAD da UECE, contribuindo, significativamente, na melhoria da formação de professores licenciados no interior do Ceará.

A trajetória da professora Zenilde também é marcada pela contribuição na estruturação do curso de Mestrado em Geografia na UECE, juntamente com outros colegas doutores recém-chegados esta Universidade. Muitas foram as

dificuldades enfrentadas para alcançar esse novo desafio, uma vez que a UECE enfrentava problemas estruturais e conjunturais à época, passando-se dois anos para consolidar o trabalho coletivo realizado pelos professores. Em 1995, o Mestrado Acadêmico em Geografia – MAG inicia suas atividades e a professora Zenilde passa a ministrar aulas e orientar dissertações de mestrado. Como professora e orientadora do MAG, contribuiu para a formação de profissionais que hoje atuam nos quadros técnicos e docentes de várias instituições do País. Na mesma época, também colaborou com o Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente – PRODEMA/UFC, programa interdisciplinar, orientando dissertações de mestrado e ministrando disciplinas a convite daquela Universidade.

Na área da pesquisa, desenvolveu no Ceará estudos sobre as temáticas: Indústria, Cidade e Urbano, Cidade Média, MetrÓpole, Metropolização e Mobilidade, alguns de forma pioneira. Cria, em 1999, o grupo de pesquisa Cidades Médias certificado pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa – PROPGPq da UECE e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq. Posteriormente, avançando nas reflexões teóricas e empíricas, lança seu olhar aguçado no entendimento da urbanização brasileira, e cearense em particular, no âmbito das dinâmicas metropolitanas, com estudos sobre a Região Metropolitana de Fortaleza, criando, em 2007, mais um grupo de pesquisa certificado pela UECE e pelo CNPQ: Metropolização, Mobilidade e Redes: perspectivas sobre o espaço urbano do Ceará. Os grupos de estudos coordenados pela professora Zenilde e ligados às linhas de pesquisa voltam-se ao entendimento da metropolização e das mobilidades, na perspectiva da dialética do espaço.

Criou também o Laboratório de Estudos Urbanos e Geografia Cultural, que mais tarde passou a se chamar Laboratório de Estudos Urbanos e da Cidade – LEURC. Esse espaço, coordenado pela professora Zenilde, reúne pesquisadores e estudantes de mestrado e iniciação científica e, mais recentemente, estudantes de doutorado que desenvolvem pesquisas, organizam eventos, realizam trabalhos

de campos coletivos, apresentam as pesquisas em colóquios e discutem leituras e temáticas pré-definidas em grupos de estudos.

Na UECE, a sua trajetória como pesquisadora lhe rende vários frutos. As dissertações defendidas sob sua orientação transformam-se em estudos pioneiros e meios de referência para estudos vindouros no âmbito local e nacional. Mais recentemente, com a criação do Programa de Pós Graduação em Geografia - PROP GEO e a inclusão do curso de Doutorado, a professora Zenilde passou a orientar Teses de Doutorado, com pesquisas importantes para o entendimento do espaço cearense e nordestino sob a óptica do capitalismo contemporâneo, com apoio de instituições que fomentam pesquisas no âmbito nacional e regional, a exemplo do Banco do Nordeste do Brasil – BNB. Além disso, estabelece parcerias em rede com o Núcleo de Estudos Urbanos - NEURB ligado ao curso de Geografia da Universidade Estadual do Vale do Acaraú - UEVA, em Sobral; e com o Núcleo de Economia Política (VIÊS/ECOPOL), do curso de Economia da UFC, além da parceria histórica com o Laboratório de Estudos da População – LEPOP/UECE, coordenado pelas professoras doutoras Adelita Neto Carleial e Ana Maria Matos, sendo atualmente coordenado pelo professor Dr. José Meneleu Neto.

Assim, ao longo de sua trajetória, orientou grande número de dissertações e no momento orienta três projetos de tese relacionados aos grupos de pesquisa que coordena. Muitos alunos que foram orientados pela Professora compõem atualmente o quadro efetivo da UECE e outras universidades, como a UEVA e da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte - UERN. Outros, ainda, atuam como professores efetivos nas Redes Estadual e Municipal de Ensino no Ceará ou estão realizando cursos de doutorado em outras universidades brasileiras.

Ainda no âmbito da pós-graduação a professora Zenilde colaborou com a criação do Curso de Mestrado em Geografia da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UEVA, implantado em 2012, passando a compor o quadro de professores desse curso como colaboradora, orientando dissertações e ministrando disciplinas.

A carreira da professora Zenilde foi marcada por um caminho cuja trajetória se voltou, exclusivamente, para a vida acadêmica e a pesquisa científica. Nesse percurso, muitos foram os trabalhos publicados com peso conceitual e empírico que acrescentam elementos ao debate da Geografia Cearense, sobretudo no que se refere aos estudos urbanos. Dentre essas obras, destacam-se livros organizados, capítulos de livros, artigos em periódicos e produção de livro para a educação básica. Dentre as obras organizadas pela Professora destacam-se os livros intitulados “Ceará - Enfoques Geográficos”, publicado em 1999 pela editora da UECE – EdUECE, onde reúne textos de autores de destaque na Geografia, com debates relevantes ao entendimento do espaço geográfico cearense e, também, o livro “Leituras e Saberes sobre o Urbano: Cidades do Ceará e Mossoró no Rio Grande do Norte”, organizando juntamente com a professora doutora Virginia Célia Cavalcante de Holanda da UEVA, que reúne artigos de autores dedicados à reflexão sobre o urbano, em especial no Ceará. Outra obra importante que evidencia o compromisso da Professora com a sociedade, destacando a importância da Geografia na formação de crianças e adolescentes na educação básica, diz respeito ao livro didático “Construindo Ceará”, em coautoria com os professores doutores Tércia Correia Cavalcante, José Borzacchiello da Silva e Antonia Carlos da Silva, publicado pelas Edições Demócrito Rocha, que vem sendo atualizado e editado há mais de dez anos.

Sua atuação como professora e pesquisadora sempre se pautou no rigor e na qualidade de seus trabalhos, e muitas vezes, travou debates contra o produtivismo acadêmico e as práticas corporativistas na Universidade. Além disso, tem prazer em compartilhar sua experiência de vida profissional e política com seus alunos, instigando o conhecimento do novo, o compromisso com a pesquisa e a produção científica de qualidade. Ao mesmo tempo, tem como marca a simplicidade, evidenciada nos textos que escreve nas aulas que ministra, nos relacionamentos cotidianos e nas orientações, que muitas vezes ultrapassam o plano formal. O equilíbrio entre a razão e a emoção nas diversas atividades cotidianas forma hoje a profissional sensível, ética e intensa que marca a forma de lidar com as adversidades da produção científica em nosso País. As evidências de

seu trabalho podem ser relatadas por sorte de cada aluno que foi orientado por ela *stricto e lato sensu* seja na iniciação científica, seja na pós-graduação, e por aqueles que ainda têm o prazer de trabalhar com a professora e a oportunidade de ter seus ensinamentos.

É nesse sentido que prestamos nossa homenagem a professora Zenilde, pelo empenho e paixão com que dedicou e dedica seu trabalho na formação de profissionais críticos. Sua trajetória se cruza com a própria história da Graduação e Pós-Graduação em Geografia no Ceará, de modo que não podemos falar da trajetória da Geografia cearense sem fazer menção ao trabalho realizado pela professora Dra. Zenilde Baima Amora sempre pautado pela ética e pela incessante vontade de busca do novo.

“SOCIEDADE E NATUREZA NO SEMIÁRIDO: DESAFIOS E OLHARES GEOGRÁFICOS”

ORGANIZADO PELAS PROFESSORAS VIRGÍNIA CÉLIA CAVALCANTE DE HOLANDA E ISORLANDA CARACRISTI (MESTRADO ACADÊMICO EM GEOGRAFIA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO VALE DO ACARAÚ – SOBRAL)

Prof. Dr. Luiz Cruz Lima

Na apresentação, as duas organizadoras explicitam o porquê da obra: celebrar as lutas para criar e fazer funcionar o Mestrado Acadêmico em Geografia da Universidade do Vale do Acaraú (Uva), a fim de atender o anseio de dezenas de jovens que havia concluído a graduação na mesma IES, onze dos quais agora como partícipes de uma coletânea acadêmica.

A essa coletânea associam-se contribuições de dois geógrafos de outras Universidades: Professor José B. da Silva, da UFC, participa com um substancial texto – “Do rural e do urbano: algumas considerações” – como indicação de uma agenda aos jovens pesquisadores sobre o espaço de nossa vida; o texto seguinte, “Contribuição metodológica em breve hermenêutica” do Prof. Luiz Cruz Lima, da Uece e da Uva, envereda em algumas pontuações de como desenvolver trabalhos de pesquisa em geografia, com base em Milton Santos.

Seguem-se onze trabalhos de jovens mestrandos e mestrandas, substanciados por suas orientadoras ou seus orientadores.

1.“A feira de Aprazível: mudanças e perspectivas no espaço urbano” assinado pela mestranda Analine Parente e sua orientadora Dra. Neide Santana, busca estudar a luta do povo, com seus conflitos territoriais, para entender a dinâmica socioespacial que se efetiva desde 1960 nessa parte do norte do estado do Ceará.

2.A mestranda Antonia Vanessa Ximenes e a Dra. Aldiva Diniz apresentam o trabalho “O perímetro irrigado Araras Norte e suas implicações sócio territoriais”, em que revelam como o poder do Estado se impõe a favor dos interesses contrários à luta dos pequenos agricultores, nos municípios de Reriutaba e Varjota.

3.Tratando de Sobral, em “Novas centralidades em cidades médias: uma análise de Sobral-CE”, Francisco Lelos Pereira e Dra. Virgínia Holanda estudam a polarização dessa cidade no decorrer da formação econômica da região norte do Ceará.

4.Em estudo de um bairro de Sobral, o mestrando Joffre F. Filho e a Dra. Marize Oliveira trabalham o tema “Reflexões teóricas sobre a produção do espaço”, assentando-se na teoria de Milton Santos.

5. “A serra da Penanduba (Coreaú-Frecheirinha): importante remanescente da caatinga arbórea”, é o trabalho de responsabilidade de José S. da Costa e da Dra. Isorlanda Caracristi. Tratam dos processos de desmatamento e degradação ambiental de uma seca seca do semi-árido nordestino.

6. O mestrando Juscelino Lima e Dra. Virgínia Holanda tratam do reconhecimento da realidade urbana de 34 bairros de Sobral, em seu estudo “As facetas do uso e apropriação do solo urbano em Sobral (CE)”. Destaca-se o reconhecimento de como agem o Estado e os agentes imobiliários.

7. O Prof. Fábio Cunha e seu orientando Laerton da Costa buscam conhecer a realidade de uma unidade espacial do semi-árido, através da pesquisa “Análise geoambiental da sub-bacia hidrográfica do Riacho Santana, sudoeste do estado do Rio Grande do Norte”, tomando como base teórica e metodológica L. von Bertalanffy, G. Bertrand, Jean Tricart, Cláudia Granjeiro e Marcos Nogueira de Souza.

8. Maria de Araújo, sob a orientação de Luiz Cruz Lima, tem se esforçado para aprofundar o reconhecimento dos indígenas Tremembé na contextura social e espacial do que é hoje o norte do estado do Ceará. Isso vem sendo posto no trabalho “Formação socioespacial do Ceará: debatendo a questão indígena”.

9. Rachel Oliveira e a Dra. Zenilde Amora nos trazem um texto sobre um importante centro cultural de Fortaleza: “Um estudo socioespacial sobre as políticas públicas de cultura para a juventude: o Centro Urbano de Cultura, Artes, Ciências e Esportes-CUCA Barra, em Fortaleza”. Oferecem a importância da correlação entre espaços públicos, práticas culturais e identidade.

10. “Impactos do crescimento urbano da cidade de Sobral nos parâmetros climáticos locais do vale do rio Acaraú (CE)”, trabalho de Valdelúcio Fonseca e da Dra. Isorlanda Caracristi em que referenciam a limitação de estudos e levantamento de dados sobre clima local relacionado às atividades humanas. O trabalho aborda as formulações teóricas da Geografia no estudo do clima urbano, destacando autores clássicos, como De Martonne, Max Sorre, Carlos Monteiro, dentre outros.

11. O texto final - “Os sentidos do espaço na geografia escolar: uma abordagem interdisciplinar humanista do trabalho de campo” - é dedicado ao ensino, refinado por uma metodologia do trabalho de campo (TC), sob a responsabilidade da mestranda Vanúzia Lima e do Dr. Lenilton Francisco de Assis, como recurso metodológico integrador e pluralista para a interdisciplinaridade. Finalizam o trabalho com uma proposta de roteiros com temas para melhor conhecer Sobral por dentro e por fora.

Em cada trabalho há uma expressão de seriedade, de enriquecimento do saber geográfico, tanto por seus temas, como pela busca de fontes, de autores de nossa convivência e de outras paragens, de nosso tempo e de tempos passados. O que nos fica com a leitura de toda a coletânea, oportunamente preparada com fervor pelas organizadoras, é a revelação de novos talentos para a continuidade de nossa vida acadêmica.